

NOTORIEDADE MUNDIAL E VISIBILIDADE LOCAL: O FUTEBOl FEMININO NA REVISTA PLACAR NA DÉCADA DE 1990

Leila Salvini⁶⁶
Wanderley Marchi Júnior⁶⁷

RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar uma história do futebol feminino contada pelas páginas da revista Placar durante a década de 1990. Foram mapeados 457 exemplares, destes, 06 foram utilizados para desenvolver esse artigo. Após a análise dos dados, notamos que a história apresentada pela revista se subdivide basicamente em duas frentes. A primeira que apresenta jogadoras habilidosas, porém, pouco femininas (considerando a normatividade de gênero) que representam a Seleção Brasileira, conferindo ao nosso país a notoriedade mundial, e que não encontram contrapartida para desenvolverem-se profissionalmente no âmbito local ou regional; e, uma segunda frente, que exalta a beleza das “jogadoras” e deixa de lado a habilidade esportiva do futebol, como é o caso do futebol das modelos, ou mesmo, das jogadoras contratadas por clubes que se utilizam mais das suas *performances* físicas do que das *performances* esportivas.

Palavras Chave: Futebol Feminino. Revista Placar. História do Futebol Feminino.

INTRODUÇÃO

As primeiras nuances da participação das mulheres em práticas esportivas no Brasil, podem ser observadas na segunda metade do século XIX, possivelmente em decorrência da estrutura conservadora que a sociedade brasileira apresentava, na qual, a criação da mulher era preconizada para exercer a função de esposa e mãe, ao subtrair de sua rotina práticas que envolvessem o desempenho corporal (GOELLNER, 1998).

⁶⁶ Mestre em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná. E-mail: leila.salvini@hotmail.com

⁶⁷ Pós-doutor em Sociologia do Esporte/WEST VIRGINIA UNIVERSITY, USA. E-mail: marchijr@ufpr.br

A preocupação com o progresso do nosso país direciona o foco sobre as mulheres no final do século XIX e meados do século XX, a partir da representação biológica do corpo que se associava aos ideais políticos, sociais e patriarcais da estrutura social vigente. Em meio ao pensamento biologicista de reprodução feminina, o exercício físico tinha papel de desenvolver a força física e a saúde, como atributos para a formação de uma mãe robusta e reprodutiva que pudesse produzir gerações mais fortes e saudáveis (MOURÃO, 2000).

Para Mourão (2000), aliada à ideia de corpo feminino que guarda energia para a reprodução está a necessidade de desenvolvimento da força física e da saúde como atributos para uma mãe saudável. Desse modo, as atividades físicas aparecem com função fundamental para a manutenção do bem-estar feminino, entretanto, nem todas as práticas esportivas eram adequadas.

Como forma de legalizar a permissibilidade das práticas esportivas, fazendo uso do poder público para interferir em tais ações, no ano de 1941 foi instituído o Decreto-lei 3.199⁶⁸ que em seu artigo 54 estabelecia que: "às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país".

Esse Decreto-lei foi implementado em 1965 pelo Conselho Nacional de Desportos e proibia às mulheres "[...] a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, pólo, *rugby*, halterofilismo e *baseball*". E, revogado no final dos anos 1970.

Após a revogação do Decreto, algumas reportagens foram veiculadas nos meios de comunicação, ressaltando aqui, a revista Placar, considerada até os dias de hoje como uma das mais importantes e antigas revistas que abordam a temática do futebol. De modo geral, as menções sobre o futebol feminino nessa revista na década de 1980 dizem respeito à permissibilidade da prática; ao

⁶⁸ O inteiro teor do decreto pode está disponível em: <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=152593>>. Acesso em: 09 set 2010. E foi revogado no ano de 1975 pela lei 6251/75, disponível em: <<http://www3.dataprev.gov.br/SISLEX/paginas/42/1975/6251.htm>>. Acesso em 09 set 2010.

Esporte Clube Radar, considerado como o melhor time de futebol feminino que já existiu, em termos de representatividade; e, a necessidade de apresentar as jogadoras atreladas à normatividade de gênero (SALVINI, 2012).

Após aproximadamente 10 anos da revogação do Decreto, quais eram as informações veiculadas pela revista Placar sobre o futebol feminino? Dessa maneira, o presente artigo tem como objetivo apresentar uma história do futebol feminino contada pelas páginas da revista Placar durante a década de 1990.

A coleta das informações foi realizada por meio de busca pela palavra-chave: “futebol feminino”. Após mapearmos as edições que contemplavam nossa busca, elencamos as notícias que apresentavam maior número de informações, bem como, selecionamos algumas imagens que vem a somar à apresentação desses dados. As revistas que serviram de base para a pesquisa estão disponíveis online, datam os anos de 1990 até 1999 e totalizam 457 exemplares. Destes, 06 foram utilizados para desenvolver esse trabalho.

Esse trabalho está organizado de forma a apresentar inicialmente um breve panorama do futebol feminino brasileiro, na sequência, trazemos informações veiculadas na revista Placar, com os seguintes subtítulos: “Esquema amador”: o Brasil na Copa do Mundo; “Adoráveis pernas de pau”: as modelos entram em campo; e Futebol feminino: entre a habilidade esportiva e a beleza física.

“ESQUEMA AMADOR”: O BRASIL NA COPA DO MUNDO

De acordo com Carmona e Poll (2006), em 1990 a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) passou a apoiar o futebol feminino, mas ainda assim, os campeonatos estaduais e regionais diminuíram consideravelmente. Nessa época, o regulamento para as mulheres era o mesmo do futebol masculino.

Valporto (2006, p. 248) relata que em 1991 a FIFA anunciou a realização da primeira Copa do Mundo de Futebol Feminino a ser realizada na China. Como não existiam mais clubes estruturados em atividade, a CBF “recrutou” jogadoras do já extinto Esporte Clube Radar para endossar a equipe que defenderia o Brasil. Em

sua estréia na Copa do Mundo, a Seleção Brasileira⁶⁹ venceu o Japão (1x0), sofreu uma goleada (0x5) dos Estados Unidos e perdeu para a Suécia (0x2), sendo assim, eliminada na primeira fase e terminando em 9º lugar na classificação geral.

Entre os anos de 1991 e 1994 não houve campeonatos nacionais. Entretanto, algumas equipes continuaram suas atividades e campeonatos de menor porte foram realizados. Agora, com o sonho da profissionalização suscitado na década anterior, um pouco mais distante.

O Campeonato Brasileiro que teve sua última edição do ano de 1988 voltou a ser disputado em 1994. Essa versão do Campeonato Brasileiro de futebol feminino foi realizada entre os anos de 1994 até 2001, tendo como times campeões: o Vasco, em 1994, 1995 e 1998; o SAAD, em 1996; o São Paulo, em 1997; a Portuguesa em 1999 e 2000; e o Santa Isabel, em 2001 (CARMONA; POLL, 2006). Observamos que todos os campeões representam os estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Além disso, a organização e a manutenção das equipes paulistas vêm tendo reflexos no futebol atual, especialmente em se tratando do Santos em 2010-2011, que possui estrutura que mais aproxima o futebol feminino ao profissionalismo e conseqüentemente conquistando títulos.

No ano de 1995, aconteceu a segunda Copa do Mundo de Futebol Feminino realizada na Suécia. Novamente o Brasil foi eliminado na primeira fase. Venceu a Suécia na estréia (1x0), perdeu para o Japão (1x2) e para a Alemanha (1x6). A Noruega ficou com o título. O time base do Brasil era: Meg, Solange, Elane e Ieda Maria; Fanta, Cenira, Suzy e Sissi; Pretinha e Roseli, sob o comando do técnico Ademar Fonseca (CARMONA; POLL, 2006).

A revista Placar de agosto de 1995 aborda a eliminação da Seleção Brasileira como resultado da falta de organização e evidencia o amadorismo da modalidade, como mostra o título da matéria: “Esquema amador: quando o assunto é desorganização, as meninas não devem nada aos homens” (PLACAR,

⁶⁹ O “time-base” era formado por: Meg, Rosa Lima, Elane e Marcia Silva; Fanta, Adriana, Cenira e Márcia Taffarel; Roseli e Doralice. Sob o comando do técnico Fernando Pires. A equipe estadunidense conquistou o título. (CARMONA ;POLL, 2006, p. 147).

agosto de 1995, p. 34). A imagem (FIGURA – 8) foi selecionada pela revista para elucidar o futebol feminino brasileiro durante o mundial, e tem como legenda: “O Brasil na Copa: campanha fraca e nono lugar”.

FIGURA 1 - SELEÇÃO BRASILEIRA



FONTE: Revista Placar de agosto de 1995

“ADORÁVEIS PERNAS DE PAU”: AS MODELOS ENTRAM EM CAMPO

Embora o futebol feminino tenha evoluído dentro do limiar possível e permissível da realidade histórica brasileira, a preleção que envolve as adjetivações normativas de gênero impressas no corpo das futebolistas se manteve presente. Como forma de mascarar ou de vender outra imagem do futebol feminino foram criados nos anos 1990 equipes de futebol feminino formadas por modelos. Podemos entender que segue a mesma lógica das “Globetes”, ou seja, saem de cena as “Globetes” e entram as modelos que “desfilam” futebol. Em se tratando de times de modelos era expressamente

proibido que jogadoras federadas, embora esteticamente belas, fizessem parte das equipes, pois, o futebol era menos importante do que a espetacularização dos corpos.

Em se tratando da espetacularização dos corpos femininos no esporte, Goellner assinala que essa prática é

[...] aceita e incentivada em determinados locais sociais, é colocada sob suspeição em outros, tais como o campo de futebol ou as arenas de lutas, uma vez que estes espaços colocam à prova uma representação de feminilidade construída e ancorada na exacerbação a determinados atributos tidos como femininos, tais como a graciosidade, a harmonia das formas, a beleza, a sensualidade e a delicadeza (GOELLNER, 2003b, s/p).

Corroborando essas informações, as edições de agosto de 1995 e setembro de 1996 da revista placar publicaram capas com fotos de um futebol feminino que pouco lembra a realidade dos campos de futebol em campeonatos nacionais ou internacionais, como é possível visualizar nas imagens a seguir que se apresentam na mesma ordem cronológica de veiculação:

FIGURA 2 - CAPA DA REVISTA PLACAR



FONTE: Revista Placar de agosto de 1995.
FIGURA 3 - CAPA DA REVISTA PLACAR



FONTE: Revista Placar de setembro de 1996.

A “logística” dessa nova modalidade de futebol, o futebol de modelos, foi descrita na matéria “Adoráveis Pernas de Pau” (PLACAR, novembro de 1995, p.24). Os times idealizados por um dos donos da casa noturna paulista Limelight, são formados por modelos ex-capas da revista Playboy. Além da apresentação em quadra a exibição das modelos inclui uma festa promovida por algum empresário local, essas duas “tarefas” (o jogo e a festa) tinham no ano de 1996 um custo médio de R\$ 15 mil para dois dias.

Nessa esteira de espetacularização dos corpos, as jogadoras de futebol sejam federadas ou modelos também apareciam em uma sessão da revista Placar chamada “Deusa”, uma foto de duas páginas da jogadora eleita pelos editores da revista. Dentre as jogadoras federadas que pousaram para essa sessão podemos citar Duda, do Internacional de Porto Alegre e Suzana Werner, atriz, modelo e jogadora do Fluminense. A então jogadora da equipe do fluminense, “[...] quer distância das colegas que transformam o gramado numa passarela”. E diz: “[...]”

este é um time de competição”. Embora expresse que existe diferença entre as equipes de modelos e a equipe do fluminense que tem jogadoras bonitas, “[...] o patrocínio foi colocado na região das jogadoras mais valorizada pela torcida: o bumbum” (PLACAR, setembro de 1996, p.42).

Seguindo nessa abordagem, enfatizamos que a revista Placar⁷⁰ assume uma nova linha editorial a partir da década de 1990, mais propriamente no ano de 1995 que tem como *slogan* “Futebol, Sexo e Rock’n roll”⁷¹ e é destinada ao público masculino.⁷² Nessa nova fase, a temática futebol feminino é abordada de diferentes formas, separando jogadoras esteticamente bonitas, ou as modelos das jogadoras com melhor desempenho esportivo ou ainda assuntos sobre a Seleção Feminina de Futebol.

Tais apontamentos nos remetem ao entendimento de que as ações reais, cotidianas, fora do contexto da revista também se utilizavam dessa separação para entender o futebol feminino da época, ou seja, beleza e habilidade física eram vistas como dicotômicas no espaço do futebol feminino.

Outra evidência subentendida dessa dicotomia no espaço do futebol feminino pode ser identificada na edição nº 1106 de agosto de 1995 e visualizada a seguir:

⁷⁰ No início dos anos 1990, a revista passou de semanal para mensal e, o enfoque em diferentes esportes foi direcionado unicamente ao futebol. Para maiores informações a respeito das reproduções do futebol moderno veiculadas na Revista Placar, ver: SALDANHA, R M. *Placar e a produção de uma representação de futebol moderno*. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁷¹ Em abril de 1995, a revista renovou o foco, formato, slogan e pela primeira vez em sua história a Placar vendeu assinaturas. “Futebol, sexo e rock’n roll” era o novo slogan da revista, que apostava na tentativa de conquistar um público ainda maior e abranger o maior número de leitores. A primeira edição da nova fase vendeu 237 mil exemplares, um recorde. Mas, a tática aos poucos foi sendo notada como uma frustração e não inovação. Um ano depois a revista fez nova mudança sendo a principal o tamanho, que voltou a ser como antes. Esse padrão foi mantido até meados de 2000, quando a revista completou 30 anos de existência. O slogan é retirado e o foco voltou a ser o futebol brasileiro e mundial. DIAS, Kadu. Placar. Mundo das Marcas: um blog que fala de brands. 10 de agosto de 2007. Disponível em: <<http://mundodasmarcas.blogspot.com/2007/08/placar-templo-do-futebol-brasileiro.html>>. Acesso em: 15 ago. 2011.

⁷² Os homens representam 88% dos leitores da Placar. Para maiores descrições do público de leitores ver: <http://publicidade.abril.com.br/marcas/placar/revista/informacoes-gerais>

FIGURA 4 - REPORTAGEM



FONTE: Revista Placar de agosto de 1995

Podemos observar nessa imagem que as modelos vestem um micro uniforme com as cores da Seleção Brasileira e fazem poses sensuais que deixam a mostra seus corpos. Tais características não refletem a realidade dos campos de futebol brasileiros, inicialmente por se tratarem unicamente de modelos, em seguida por vestirem um uniforme que não é condizente com o uniforme real da Seleção. Embora tenha as mesmas cores, as poses executadas nessa fotografia não são comuns às poses oficiais ou tiradas durante uma partida de futebol feminino, dessa forma, mesmo que tacitamente, as poses, as modelos, o tamanho das roupas, reforçam a distinção entre beleza e sensualidade das modelos, ou das mulheres não futebolistas, e as reais jogadoras de futebol feminino no Brasil, reforçando o estigma de que mulheres que jogam futebol são descuidadas da aparência, tal qual, reforça a noção de violência simbólica de cunho sexista, pois, as mulheres, embora livres para exibirem seus corpos, estão sob a apreciação do olhar masculino (BOURDIEU, 2007).

Com o título de: “homens, chegamos!” a matéria inicia desenvolvendo a ideia de que as mulheres deixaram o preconceito para trás e já montam times pelo país. Com base em informações desse recorte, questionamos: que mulheres são

essas que deixaram o preconceito para trás e montam times pelo país? As “mulheres da fotografia” que veem no futebol uma possibilidade de esculpir os corpos e de diversão, ou as mulheres que desejam fazer do futebol uma profissão e vivenciam a modalidade em sua conotação técnica?

A própria revista nos sugere a resposta, quando numa espécie de “ruptura nas reportagens” trata do futebol feminino de maneiras diferenciadas. Inicialmente aborda o fato de as mulheres estarem adentrando um espaço até então proibido para elas e da espetacularização desses corpos, que vem a provar que a mulher é jogadora e *sexy*. A segunda parte das matérias evidencia o quanto o país ainda está atrasado com relação a organização tanto em termos de gestão esportiva quanto de investimento. “Não existe futebol feminino organizado no Brasil. Os campeonatos são esporádicos e as poucas atletas profissionais ganham mal” (PLACAR, agosto de 1995, p. 34). Destacamos que nessa esfera do futebol não são ilustradas aproximações entre beleza física e qualidade técnica.

A fim de esboçar os apontamentos acima em se tratando de investimento e trabalho, bem como, a realidade profissional das futebolistas citamos o exemplo do Saad, equipe do Estado de São Paulo que pode ser mencionada (na década de 1990) como a única equipe permanente do país. “Muitos clubes investem para um único torneio” explica Romeu Carvalho de Castro, vice-presidente do SAAD (PLACAR, agosto de 1995, p. 34).

Assim como a questão da falta de incentivo financeiro, outro tema recorrente ao analisar e discutir o futebol feminino é o debate fundamentado na diferenciação fisiológica entre os sexos, principal argumento que fomentou a proibição nos anos 1940. Esse “embate fisiológico” foi tema da revista Placar de agosto de 1995, edição nº 1106 p. 35. Na reportagem de capa, “Disputa no Corpo a Corpo”, a revista alega que “[...] na guerra dos sexos, as garotas perdem em alguns itens, mas já estão equilibrando o jogo”. É urdida uma espécie de comparativo entre as capacidades fisiológicas entre homens e mulheres, para o chute, impulsão, força, entre outros. Bem como, questões relacionadas unicamente às mulheres, como TPM, a queima de gordura corporal associada aos

cuidados estéticos e proporcionada pelo futebol e o cuidado com os seios. Embasado nessa lógica, o sexo feminino apresenta-se em desvantagem com relação ao masculino.

FUTEBOL FEMININO: ENTRE A HABILIDADE ESPORTIVA E A BELEZA FÍSICA

Retornando ao acervo de revistas Placar da década anterior, mais precisamente de 24 de agosto de 1984, encontramos uma entrevista com então presidente do Comitê Olímpico Internacional (COI), Juan Antonio Samaranch. Ao ser questionado a respeito de quais esportes poderão entrar na programação Olímpica no futuro, mais diretamente, o futebol feminino, ele respondeu: “Não, nunca pensamos em torná-lo um esporte olímpico” (PLACAR, 1984 p. 27). E dessa forma permaneceu. Somente 12 anos depois é que o futebol feminino fez parte dos Jogos Olímpicos, em Atlanta.

Em se tratando de Jogos Olímpicos,

A seleção feminina do Brasil [...] perdeu a vaga no campo, mas recuperou-a nos meandros do regulamento do COI. [...] O pior é que a Seleção caiu no grupo da Noruega, atual campeã mundial, e da Alemanha, que surrou as brasileiras no Mundial do ano passado por 6x1. Os jogos servirão como vingança. Ou como confirmação do fracasso. (PLACAR, maio de 1996, p.69).

Mesmo com anúncio enfático que constrói um abismo entre a vitória ou a derrota nos Jogos Olímpicos, a classificação da Seleção promoveu aumento significativo na delegação feminina brasileira (VALPORTO, 2006).

Com a conquista do 4º lugar, a instabilidade futura vem à tona: “Valeu Meninas! E agora?” (PLACAR, setembro de 1996). Juntamente ao questionamento que remete a realidade do futebol feminino no país, essa edição “desmascara” assuntos polêmicos que envolvem desde a CBF até a sexualidade das jogadoras.

A reportagem inicia dizendo que “Para a CBF, futebol é um esporte de macho”, até porque, a entidade repassou para a empresa *Sport Promotion os*

direitos de cuidar e explorar a modalidade até 1999, ano do Campeonato Mundial. Após a – não esperada – conquista do quarto lugar Olímpico, indícios de que um novo fôlego retorna ao futebol feminino, que visam organizar a modalidade e, especialmente, retomar os campeonatos estaduais que esmoreceram.

Quanto aos estados que já realizam campeonatos estaduais, estão: Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul. Entretanto, a empresa Sport Promotion, a mesma que patrocinou a Seleção na Olimpíada de Atlanta, estava desenvolvendo um projeto ambicioso em São Paulo.

Programado para acontecer a partir de março do ano que vem (1997), o Campeonato Paulista terá participação dos grandes times de São Paulo, patrocinadores próprios e transmissão pela televisão. Terá vida própria, independente do campeonato masculino. 'fazemos questão de não disputar partidas nas preliminares dos jogos dos homens' diz José Francisco Coelho Leal, o Kiko, da Sport Promotion. o campeonato feminino vai ter horários diferenciados e estádios próprios. (PLACAR, setembro de 1996, p. 73).

Além de Corinthians, Palmeiras, São Paulo, Santos e Portuguesa, os cinco clubes grandes do futebol paulista, três equipes universitárias representarão a USP, o Mackenzie e o São Judas Tadeu. "Nosso interesse é mais acadêmico que competitivo [...] Queremos estudar o modelo técnico da mulher no futebol", diz o diretor do clube esportivo da USP (PLACAR, 1996, p. 73).

Embora o foco nesse momento esteja numa provável nova organização em termos de campeonatos, não se desvinculou das prerrogativas anteriores que visa atrelar a beleza física à jogadora de futebol de modo imperativo, no sentido de desmistificar questões a respeito da sexualidade das jogadoras. Apresentando-se em campo de acordo com as prerrogativas culturalmente construídas de gênero, especulações que em anos anteriores pairavam sobre a sexualidade das jogadoras, tenderão a esmorecer.

Além de atrelar a beleza física às jogadoras, essa nova fase objetiva vincular elementos relacionados ao capital econômico e cultural, como demonstração de que para essas novas – e bem-queridas – jogadoras, o futebol não é profissão, e sim, diversão. Nesse sentido, o futebol praticado por mulheres passa a ser "aceito" tendo em vista que se aproxima de uma prática com sinais de

distinção, pois as jogadoras em questão não almejam sobreviver desse esporte, o fazem por uma prática esportiva de lazer e de cuidados com o corpo, fato que reafirma a distinção ao se apresentarem nos locais de treino ou jogo em conformidade com as noções naturalizadas de feminilidade, não tão comuns ao espaço do futebol. Dessa maneira, a oposição principal entre os gostos de luxo e os gostos de necessidade se materializa nas diferentes maneiras de afirmar a distinção (BOURDIEU, 2008).

Nas palavras do vice-presidente do Saad e assessor da *Sport Promotion*, “[...] garotas altas, fortes, de classe média estão substituindo as meninas que aprenderam a jogar bola na rua com os irmãos” (PLACAR, setembro de 1996, p. 47). Duda, jogadora do Internacional de Porto Alegre, complementa: “[...] o que não falta hoje é garota bonita jogando futebol”. Como forma de legitimar a fala da jogadora, a revista assegura: “[...] com seus cabelos loiros e um corpo bem torneado, ela é uma boa prova da tese que defende” (PLACAR, setembro de 1996, p. 47).

A revista Placar traça um novo – possível ou esperado – perfil das então novas jogadoras. Juntamente à questão da beleza, apresentam a possibilidade de intercâmbios com universidades dos Estados Unidos e enfatizam a questão econômica.

No começo da década de 80, as pioneiras do futebol eram de origem humilde [...]. Esse perfil vem mudando. Nas escolas de futebol, as patricinhas de classe média aderiam em peso ao esporte e já formam uma fatia significativa entre as praticantes do futebol (PLACAR, setembro de 1996, p. 50).

A “nova geração” de jogadoras agora agrega a figura da futebolista além da beleza física, o desempenho intelectual e a situação econômica. O futebol feminino ganha *status* de distinto entre as praticantes que são munidas desses adjetivos e que praticam o futebol nas escolinhas ou em clubes, principalmente por não dependerem financeiramente da modalidade, e sim, pela prática como uma forma de entretenimento ou exercício físico sem anseios profissionais.

Encerrando a década em que o futebol feminino se inseriu no cenário de eventos internacionais, temos o Mundial de Futebol Feminino realizado nos Estados Unidos em 1999. Valporto (2006, p. 251) salienta que “[...] dessa vez as brasileiras sentiam-se mais preparadas para enfrentar as adversárias. Formavam uma equipe renovada – algumas veteranas comandavam a maioria de jovens.” O Brasil conquistou o terceiro lugar no pódio. “Com medalhas de bronze no pescoço, as brasileiras sentiam uma nova emoção” (VALPORTO, 2006, p 251).

Retornando ao Brasil a realidade era outra. A revista Placar de agosto de 1999 descreve que os cartolas do futebol avisaram que a missão da seleção feminina era fazer uma boa apresentação e conseguir a vaga para os Jogos Olímpicos, pois, caso contrário não teria muito futuro no país do futebol. A jogadora Kátia argumenta, “[...] nós conseguimos tudo, mas os dirigentes não estão fazendo a parte deles” (PLACAR, agosto de 1999, p. 24). A parte dos dirigentes seria continuar promovendo campeonatos estaduais, principalmente o Paulistana, tendo em vista que das 22 jogadoras que foram para o Mundial, 20 jogam em São Paulo. A reportagem encerra trazendo a tona a noção de persistência – frente ao contexto de dificuldades – que as jogadoras brasileiras despertam, “[...] a única certeza é que quando o Brasil precisar, elas estarão lá”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pudemos observar, essa década foi marcada pelas participações em eventos internacionais, como a Copa do Mundo de Futebol Feminino e os Jogos Olímpicos. Do mesmo modo em que observamos certo desenvolvimento em termos organizacionais na modalidade, as jogadoras permanecem à mercê de olhares preconceituosos frente aos seus corpos e a ausência de salários ou de clubes que mantenham as jogadoras treinando durante o ano todo continua sendo uma realidade do futebol feminino nos anos 1990.

Somado a esses apontamentos, ressaltamos a manutenção de mulheres isentas de habilidades futebolísticas representando o futebol feminino, com vistas

de promover a espetacularização dos corpos ao invés da popularização da modalidade enquanto prática esportiva legítima desse público.

Finalizando, temos então, uma história apresentada pela revista que se subdivide basicamente em duas frentes. A primeira que apresenta jogadoras habilidosas, porém, pouco femininas (considerando a normatividade de gênero) que representam a Seleção Brasileira, conferindo ao nosso país a notoriedade mundial, e que não encontram contrapartida para desenvolverem-se profissionalmente no âmbito local ou regional; e, uma segunda frente, que exalta a beleza das “jogadoras” e deixa de lado a habilidade esportiva do futebol, como é o caso do futebol das modelos, ou mesmo das jogadoras contratadas por clubes que se utilizam mais das suas *performances* físicas do que das *performances* esportivas.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Zouk, 2008.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CARMONA, L.; POLL, G. **Almanaque do futebol**. Casa da Palavra: COB. Rio de Janeiro, 2006.

GOELLNER, S. V. As atividades corporais e esportivas e a visibilidade das mulheres na sociedade brasileira do início deste século. **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 47-57, 1998.

MOURÃO, L. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização. **Movimento**, n 13, p. 5-18, 2000.

PLACAR. São Paulo: ed. Abril, n 744, 24 ago, 1984. 80 p.

PLACAR. São Paulo: ed. Abril, n 1106, ago, 1995. 64 p.

PLACAR. São Paulo: ed. Abril, n 1109, nov, 1995. 130 p.

PLACAR. São Paulo: ed. Abril, n 1115, maio, 1996. 100 p.

PLACAR. São Paulo: ed. Abril, n 1119, set, 1996. 100 p.

PLACAR. São Paulo: ed. Abril, n 1154, ago, 1999. 98 p.

SALVINI, L. **Novo Mundo Futebol Clube e o “velho mundo” do futebol:** considerações sociológicas sobre o *habitus* esportivo de jogadoras de futebol. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

VALPORTO, O. **Atleta, substantivo feminino:** vinte mulheres brasileiras nos jogos olímpicos. Casa da Palavra, Rio de Janeiro, 2006.